



III CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

A ESCOLA: PODER, SABERES E DISCURSOS

Izaías Serafim de Lima Neto¹; José Marcos Rosendo de Souza; Jorrana Ferreira de Melo; Flávia Meira dos Santos.

Universidade Estadual da Paraíba – E-mail: izaiasserafimneto@outlook.com

Universidade Estadual da Paraíba – E-mail: mark_city@hotmail.com

Universidade Estadual da Paraíba – E-mail: jorrana.mello@hotmail.com

Universidade Estadual da Paraíba – E-mail: flavianhaasantos20@gmail.com

Resumo: O presente artigo, de caráter bibliográfico-crítico, objetiva discutir acerca do lugar discursivo da instituição Escola e de seus discursos por e nela produzidos. Neste sentido, buscamos trazer considerações acerca de conceitos da Análise de Discurso de linha francesa a fim de problematizar os ditos engendrados no sistema e nas práticas de ensino propagados comumente no fazer educativo como um todo. Diante disso, buscamos dialogar o lugar da Escola enquanto *lócus* discursivo sustentado pelas instituições (e saberes) das esferas Jurídica, Clínica e Religiosa do poder (discurso). Percebemos, diante disto, que os ditos no ambiente escolar ora segregam, ora elitizam os discentes, bem como busca torná-los cópias do cânone apregoado pela igreja. Então, a Escola (vista para além da sistematização de saberes feitos científicos) enquadra-se na esfera do discurso como “xerocopiadora” e castradora das peculiaridades dos alunos, tendo em vista seu papel normatizador (de base religiosa).

Palavras chave: Discurso; Escola; Análise de Discurso; Normatização; Poder.

¹ Bolsista CAPES pelo PIBID-Língua Portuguesa do *CAMPUS IV* da Universidade Estadual da Paraíba na cidade de Catolé do Rocha/PB.



INTRODUÇÃO

A Análise de discurso de linha francesa surge como ciência que interroga os campos da Linguística, Ciências Sociais e Psicanálise, ou seja, entremeia e as questiona do ponto de vista da formação e do poder (Orlandi, 2010). Nesse sentido, utilizar seus princípios e conceitos basilares para discutir a Educação é de suma relevância por possibilitar compreender a formação histórico-social do papel desse ramo da interação humana.

Por isso, pretendemos aqui trazer considerações embasadas na Análise de discurso acerca da Escola enquanto instituição de poder e como *lócus* de emergência discursiva privilegiado, tendo em vista que ela foi pensada pela vontade de moralizar, normatizar, regular e padronizar os conhecimentos morais (em primeiro momento) e científicos (em segunda instância). Assim, o percurso desta discussão deve aludir aos porquês históricos da Escola, suas bases ideológicas, seus discursos pertinentes e convenientes, formação discursiva e poderes que a embasam e dão ao seu discurso legitimidade e veemência.

O aporte teórico utilizado na elaboração da discussão contempla Foucault (1987, 2009, 2010, 2015) e as teorias que lidam com discurso, poder, sexualidade e demais conceitos elaborados pelo filósofo, bem como teóricos da educação como Bourdieu (2007), Aranha (1996), etc. Assim, trazemos conceitos basilares da AD francesa, como formação discursiva, discurso, ideologia, emergência discursiva, etc., correlacionando-os à história da educação e as bases que constroem e sustentam o sistema educacional.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada para a construção deste trabalho é de cunho bibliográfico, no sentido de que para a sua elaboração buscamos em aportes teóricos diversos (principalmente em textos que versam acerca da Análise de Discurso de linha francesa, bem como textos que tratam da Educação e de seu percurso histórico). Assim, este texto caracteriza-se como pesquisa bibliográfico-crítica, tendo em vista que dialogamos as teorias postas com considerações reflexivas.

Como passo inicial para a construção do trabalho, buscamos leituras que fundamentaram os conceitos de discurso, poder, ideologia e normatização, a fim de observar se tais teorias dialogam com as nossas inferências acerca do lugar/instituição Escola. Em seguida, buscamos aporte que trate



da elaboração (histórica) da escola e do sistema de ensino, objetivando perceber as raízes ideológicas e discursivas que solidificaram a Educação (enquanto processo). Feitas as leituras das duas áreas-base (discurso e história da educação), realizamos a elaboração do texto, buscando sempre trazer os conceitos já citados e as inferências que os ligam à Escola.

DISCURSO DA ESCOLA: IDEOLOGIA, REGULAÇÃO, FORMAÇÃO E PODER.

Para Foucault (2009) o discurso é prática social e não seria uma organização oculta de sentidos, tampouco algo circunscrito nas entrelinhas, mas sim a prática efetiva do dizer e nesse dizer a prática de poder. Nesse sentido, as instituições escolares (e numa metonímia, a Escola), têm, historicamente, solidificado formações discursivas que maquinam as práticas históricas e sociais desse campo da convivência e interação humana.

Nesse sentido, discutir o poder da escola, sua figuração entre as instituições de poder e sua corroboração nas práticas sociais é de suma importância para que possamos além de mera especulação sobre *qual o discurso da escola*, interrogar esses discursos e suas repetições, refrações, emergências e fins. Tendo, pois, noção de que o discurso é ideológico (ORLANDI, 2010), é pertinente afirmar que a escola tem ideologias muito claras. Diante disso, Ficher (2001, p. 199) afirma que, com base na teoria foucaultiana, “o discurso sempre se **produz**(iria) em razão das relações de poder” (*grifo nosso*), ou seja, a Escola enquanto lugar de discursos é lugar de jogos de poderes, de ações de embate dos poderes das demais instituições e das instâncias sociais.

Acerca disso, Foucault (2010) elabora sua teoria (filosofia) pensando o discurso como ferramenta do poder das instituições (as médicas, jurídicas, econômicas, religiosas, etc.). Assim, é possível englobar a escola no escopo das instituições de regulação e normatização, tendo em vista que ela conchama a seu espaço de discursos os que são de domínio médico, jurídico, religioso, etc., objetivando alicerçar o seu próprio nessas esferas. Nesse sentido, Louro (1997) conclui que uma das esferas mais atingidas pelo discurso escolar (apoiado nas demais esferas discursivas e instituições) é o campo da sexualidade.

Existe, de acordo com a estudiosa, uma *pedagogia da sexualidade*, embasada no que Foucault (2015) afirma ser uma pedagogização do sexo, reflexo das implicações clínicas, jurídicas e religiosas que o sexo tomou (e toma) na sociedade ocidental. Para o filósofo, em sua *História da Sexualidade*, o discurso sobre o erótico, sobre o corpo enquanto desejo carnal, sobre a prática



sexual, é de regimentos, normatizações, confessionismos essenciais à refreação das práticas ditas sodômicas e inaturais.

No campo escolar, ainda segundo Louro (1997), o discurso de refreio da sexualidade é norteado pelo que alude Foucault (2015): o plano objetivo da instituição escolar é anular a sexualidade das crianças e de quaisquer usuários desse sistema pela ideia de sua inexistência no campo verbal (silenciamento), ou seja, se não se fala de sexo, ele, por conseguinte, não existe. Esse discurso emerge com muita força no Século XXI, pois há um explícito domínio das discursividades clínicas e religiosas sobre a Escola.

Ainda, Louro (1997) afirma que essa normatização pretendida na Escola é dogmática e clínica no sentido de que temos um sistema de ensino ainda arraigado no domínio discursivo da religião. Assim, é possível, de acordo com a autora, perceber nas escolas a imagem de santidade dos cânones, de excelência dos sujeitos normativos, e esses discursos que engendram as práticas aludem comumente ao discurso do perfeito, do divino, anulando, por seu turno, a experiência do dizer sobre o sexo e a sexualidade na instituição Escola.

Nesse sentido, a Escola possui uma formação discursiva de enquadramento, oratórias, normatização, padronização e punição. Quanto a esse conceito de *formação discursiva* Orlandi (2010, p. 17) afirma que “formação discursiva é tudo aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma conjuntura dada, determina o que pode e deve ser dito. Portanto, as palavras, proposições, expressões recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas.”, isto é, no escopo da instituição Escola, a permissão do que se pode dizer, as atitudes pertinentes ao ambiente e os conteúdos “convenientes” são alicerçados na formação discursiva do saber escolarizado, pensado, inicialmente, para ser moralizante e braço amplo da Igreja. (ARANHA, 1996).

A Escola, nesse sentido, possui uma *memória discursiva* (ORLANDI, 2010) arraigada nos dizeres dogmáticos da Igreja e no poder sobre os comportamentos que essa instituição desempenha. Isso é perceptível ao se analisar a fundação da instituição pela Igreja Católica para catequizar pessoas mundo a fora à época dos Jesuítas (PILETTI & PILETTI, 2012). Nesse turno, a raiz do saber escolar está no apregoamento do Evangelho bíblico. Além disso, outro sintoma desta raiz religiosa está no nome dado ao profissional do ensino: *professor*. Observe-se que quem professa é profeta, e o faz de um lugar de divindade, de saber dado pela figura de Deus. O professor, então, seria a figura do clérigo transposta ao ensino, tendo, pois, uma função semelhante no campo do discurso, que seria vigiar e punir (Foucault, 1987) os usuários da instituição Escola.



Assim, diante do exposto é possível afirmar que, do mesmo modo da Igreja, a Escola é um lugar de “verdades” postas sob a trama do dogma e do conselho. E, para toda verdade dita, há uma colocação discursiva de um poder. Diante disso, Domingos (2013, p. 134) afirma que

a produção do discurso em sociedade passa por uma sequência de procedimentos de controle, seleção, organização e redistribuição, a fim de suavizar sua carga material e dissipar-lhe o perigo da produção. O discurso por si pode não ser assim tão “perigoso”, mas frente aos interditos que ele lança logo se percebe seu vínculo ao desejo e ao poder. [...] O poder do discurso de instituir “verdades” leva a se pensar a relação do homem com a verdade, com o verdadeiro de sua época.

Isto é, o domínio da Escola e da verdade escolarizada através dos saberes deve ser pensado no escopo do discurso, tendo em vista que nada que é dito é neutro, ileso de domínios e de poderes (Orlandi, 2010). Assim, em um panorama histórico, a Escola, apoiada no poder do discurso jurídico, médico e, principalmente, religioso, vem “professando” o normal, o aceitável, o padrão dos comportamentos, das maneiras de pensar, do sexo (LOURO, 1997), a fim de permear os ditos com a hábil imagem do divino e das oratórias.

Para Orlandi (2009, p. 20) “As palavras simples do nosso cotidiano já chegam até nós carregadas de sentidos que não sabemos como se constituíram e que no entanto significam em nós e para nós.”, isto é, no que diz respeito ao campo educacional, os ditos comuns da norma, do enquadramento comportamental, das exigências de conduta são comuns, habituais, tratadas como precisos e essenciais à constituição do “cidadão crítico”, entretanto esses saberes veiculados estão atrelados ao poder institucional, em sua grande parte ao discurso jurídico e o do domínio sobre o corpo, o que Foucault (2015) denomina *biopolítica/biopoder*.

A Escola, então, é instituição de discurso no que tange aos seus aportes de punição, pelo Direito, e medicalização, pela Medicina.

Louro (1997, p. 57) afirma que

Desde seus inícios, a instituição escolar exerceu uma ação distintiva. Ela se incumbiu de separar os sujeitos – tornando aqueles que nela entravam distintos dos outros, os que a ela não tinham acesso. Ela dividiu, também, internamente, os que lá estavam, através de múltiplos mecanismos de classificação, ordenamento, hierarquização. A escola que nos foi legada pela sociedade ocidental moderna começou por separar adultos de crianças, católicos de protestantes. Ela também se fez diferente para os ricos e para os pobres e ela imediatamente separou os meninos das meninas.

Percebe-se, então, que a instituição Escola tem uma base de segregações. O discurso que maquina esse sistema de distinções é sócio-historicamente constituído, tendo como princípio *a*



priori questões de *acesso ao sistema escolar* alicerçado no domínio de classes sociais e riquezas, e em segunda instância (já no ambiente físico da instituição) as questões de religiosidade e gênero. Nesse sentido, o discurso dos parâmetros da Escola veicula a classificação das competências, das possibilidades de ascensão, bem como de fracasso (BOURDIEU, 2007).

A Escola, então, não é neutra, nem idônea diante dos sistemas de exclusão. Nesse sentido, Foucault (2009, p. 44) afirma que

O que é afinal um sistema de ensino senão uma ritualização da palavra; senão uma fixação dos papéis para os sujeitos que falam; senão a constituição de um grupo doutrinário ao menos difuso; senão uma distribuição e uma apropriação do discurso com seus poderes e seus saberes?

Isto é, pela ritualização dos ditos, pelo tornar dogmático o saber e a experiência do saber, o sistema de ensino, especificamente a instituição Escola, hierarquiza os limites do que pode ser dito, das atitudes possíveis e das que devem ser observadas e copiadas, dos limites do conveniente e as punições que lhe cabem quando extrapolado, além do domínio sobre a existência das peculiaridades, tendo em vista que o sistema de discursos da Escola, ou sua formação discursiva (FOUCAULT, 2010) a tornam uma máquina de xerox (com a licença da metáfora).

O discurso da Escola, então, é de repetição. Nesse sentido, Louro (1997) compreende as imagens de santos e de figuras “ilustres” comumente postas nas paredes das escolas como ferramentas discursivas dessa máquina de cópias: a diretriz de exemplos postos aos olhos dos alunos é que eles imitem, sejam tão ou mais comportados e de caráter íntegro. A similaridade com essas figuras postas a exemplo na Escola faz com que os alunos que a detêm ascendam e tomem visibilidade dentro da instituição. O laureamento dos alunos ditos de excelência por comportamento e aplicação aos estudos traz em si a maquinaria das cópias, ou seja, bom aluno é o que imita o cânone da educação e o que se destaca por obediência.

Nesse sentido, Piletti & Piletti (2012) ao trazerem a *História da educação* confirmam o valor religioso do sistema tendo em vista que ele foi pensado com intuito de ensinar valores morais, aconselhar o caráter e as atitudes dos homens à luz de uma visão do divino e da perfeição da entidade religiosa. Quanto a isso, Louro (1997, p. 58) destaca que



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

A escola delimita espaços. Servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. Informa o “lugar” dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas. Através de seus quadros, crucifixos, santas ou esculturas, aponta aqueles/as que deverão ser modelos e permite, também, que os sujeitos se reconheçam (ou não) nesses modelos. O prédio escolar informa a todos/as sua razão de existir. Suas marcas, seus símbolos e arranjos arquitetônicos “fazem sentido”, instituem sentidos, constituem distintos sujeitos.

Assim, o lugar da Escola e sua constituição física discursivizam espaços e os entremeios desses espaços. Não há não-ditos, mas explicita-se a distinção pela ideologia da educação: em primeira instância por ser de base religiosa e apregoar uma verdade (professada pelo professor), e em segunda instância pela intervenção discursiva do poder jurídico (que delega os direitos dos alunos, professores, seus lugares de dever e pune a cada um segundo lhe apraz e delega a sociedade) e médico (pela pedagogia do sexo (LOURO, 1997), pela manutenção dos espaços devidos para cada sexo no limiar dos gêneros e pela segregação dos lugares da deficiência.).

Em breve síntese, diante disso, percebe-se o lugar do *discurso da escola* na constituição de saberes e poderes sociais, bem como a sustentação que as demais *disciplinas* (FOUCAULT, 2009) como direito e medicina lhe dão. Compreende-se, ainda, o sistema de segregações e limitações que o corpo da instituição Escola, enquanto lugar de interação e práticas sociais pela linguagem, impõe aos seus usuários.

Tendo tudo isto em vista, conclui-se que, ainda que brevemente aqui exposto, a Análise de discurso pode e deve estar a interrogar o lugar discursivo da Escola na sociedade e questionar o que ela diz, como diz, por que diz e para quem diz, a fim de analisar as emergências desses ditos e desses saberes atrelados ao poder e às lutas de poderes. O discurso, nesse sentido, é o lugar da interrogação e o método que interroga. Sabe-se, diante disso, que a Escola não é apenas um espaço físico que media saberes cientificados, mas é, antes de tudo, lugar de ideologias, de discursos atravessados pela repetição dos saberes das demais instituições. Portanto, a questão que leva essa discussão à pertinência busca reelaborar o olhar de leitura acerca do que a Escola rege e das formações discursivas que a logram poder de falar sobre algo (alguém) para outrem.

CONCLUSÕES

Diante do discutido brevemente neste artigo, percebemos como se (re)elaborou o discurso da Escola no sentido de reatualização do que é dito na esfera religiosa dos saberes, bem como a sustentação do discurso clínico e jurídico solidificam as ferramentas de segregação dentro do sistema de ensino, sobremaneira diante da elitização dos “bons alunos” em detrimento dos “maus”.



Percebemos, assim, as ferramentas de normatização e regulação que a Escola (*locus de discurso*) utiliza, além de observamos sua formação discursiva e a ideologia que a formaliza e torna aceitável seus discursos. Compreendemos, ainda, o trato escolar do sexo e sua forma pedagógica de velar as peculiaridades dos alunos em voga da conservação doutrinária e dogmática do modelo canônico apregoado pela igreja.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. *História da Educação*. 2ª edição revisada e atualizada - São Paulo: Moderna, 1996.

BOURDIEU, P. O capital social – notas provisórias. IN: NOGUEIRA, M.A. & CATANI, A. *Pierre Bourdieu : Escritos da educação*. Petrópolis : Vozes, 2007

DOMINGOS, J.J. Bakhtin, Foucault, Pêcheux: o que eles diziam sobre o discurso. **In:** FRANCELINO, P.F. *Teoria dialógica do discurso: exercícios de reflexão e análise*. João Pessoa: Editora UFPB, 2013.

FISCHER, R.M.B. Foucault e a análise de discurso em Educação. *Cadernos de Pesquisa*, n. 114, p. 197-223, Porto Alegre, 2001

FOUCAULT, M. *A história da Sexualidade I: a vontade de saber*. 2ª edição – São Paulo: Paz e Terra, 2015

_____ *A ordem do discurso*. 19ª edição - São Paulo: Loyola, 2009.

_____ *Vigiar e punir: o nascimento das prisões*. Petrópolis: Vozes, 1987

_____ *A arqueologia do saber*. 7ª edição - Rio de Janeiro: Forense, 2010.

LOURO, G.L. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista* – Rio de Janeiro: Vozes, 1997

ORLANDI, E.P. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. 8ª ed. Campinas: Pontes, 2009.

_____ *Introdução às ciências da linguagem – Discursos e textualidade*. 2ª ed. Campinas: Pontes Editores, 2010

PILETTI, C.; PILETTI, N. *História da Educação*. São Paulo: Contexto, 2012.